

ANA SOFIA MARTINHO MOURA PEREIRA

PERCEÇÃO DO FUNCIONAMENTO FAMILIAR, SUPORTE SOCIAL E AUTOCONCEITO

Estudo com Adolescentes e suas Famílias



ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Área de Especialização em Terapias Familiares e
Sistémicas

COIMBRA, 2018

**Perceção do Funcionamento Familiar, Suporte Social e
Autoconceito
Estudo com Adolescentes e suas Famílias**

ANA SOFIA MARTINHO MOURA PEREIRA

Dissertação Apresentada ao ISMT para a Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica
Ramo de Especialização em Terapias Familiares e Sistémicas

Orientadora: Professora Doutora Joana Sequeira, Professora Auxiliar, ISMT

Membros do júri

Presidente: Professor Doutor Henrique Vicente, Professor Auxiliar Convidado, ISMT

Arguente: Professora Doutora Inês Pimentel, Professora Auxiliar Convidada, ISMT

Coimbra, outubro de 2018

Agradecimentos

A elaboração desta investigação contou com a ajuda de várias pessoas que merecem o meu reconhecimento.

Em primeiro lugar, queria agradecer à orientadora da dissertação, a Professora Doutora Joana Sequeira, por me ajudar a dar uma nova visão daquilo que era a minha própria visão, por partilhar o seu saber e por me ajudar a analisar e discutir sistematicamente os resultados que íamos obtendo ao longo deste processo tão gratificante. Obrigada pela disponibilidade e por orientar o grupo de forma individualizada.

De seguida, queria agradecer ao Diretor do Agrupamento de Escolas Rainha Santa Isabel na qual foram aplicados os protocolos de investigação.

Não menos importante, queria também agradecer aos pais dos alunos que aceitaram participar e que também permitiram que os seus filhos respondessem aos inquéritos, e aos alunos pela disponibilidade que mostraram em colaborar neste projeto. E ainda aos professores que cederam parte das suas aulas para a aplicação do protocolo.

No campo mais pessoal, tenho a agradecer à minha família pelo suporte emocional e pela paciência que tiveram nos momentos em que estive menos presente.

Aos meus amigos pela tolerância e compreensão para com a minha pouca disponibilidade durante este período.

Às colegas do grupo de investigação pelos tempos de convivência e de partilha de ansiedades tão típicas deste ano letivo.

A todos, obrigada!

Resumo

Apesar das mudanças que as famílias têm experienciado ao longo do tempo, a estabilidade familiar tem uma forte influência nos processos desenvolvimentais dos adolescentes. Por isso, a presente investigação teve como objetivo analisar a percepção do funcionamento familiar dos adolescentes e das suas famílias, bem como o suporte social e o autoconceito dos adolescentes. A amostra deste estudo foi constituída por 134 sujeitos, 43 adolescentes com idades compreendidas entre 12 e 18, a frequentar o ensino básico, e, 91 familiares (pais, irmãos, avós e tios), o que perfaz um total de 43 famílias. O protocolo de investigação foi composto pelo Questionário de Dados Sociodemográficos para os adolescentes e para as famílias, pela Escala de Avaliação da Flexibilidade e da Coesão Familiar (FACES-IV), pela Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS) e pela Escala de Autoconceito de Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHCSCS-2).

Os resultados do estudo indicaram que as famílias se percecionam na generalidade como sendo vulneráveis, sobretudo com elevada percepção de caoticidade. Porém, considerando que o suporte social e o autoconceito dos jovens são claramente sentidos como positivos, podemos pressupor que a percepção de funcionamento familiar mais disfuncional possa ser sentida sobretudo pelos pais.

Em conclusão, consideramos que este estudo apresentou um diagnóstico válido de um conjunto de aspetos relevantes para o ajustamento e desenvolvimento dos jovens adolescentes, podendo-se equacionar estratégias de intervenção com as populações estudadas. Escola e famílias devem colaborar para que ambos os sistemas constituam recursos e fatores protetores, que promovam o bem-estar e contribuam positivamente para o autoconceito dos adolescentes.

Palavras-chave: Funcionamento Familiar, Suporte Social, Autoconceito, Adolescentes, Famílias.

Abstract

Despite the changes that families have experienced over time, family stability has a strong influence on the developmental processes of adolescents. Therefore, the present research aimed to analyze the perception of the family functioning of adolescents and their families, as well as the social support and self - concept of adolescents.

The study sample consisted of 134 subjects, 43 adolescents aged between 12 and 18, attending elementary school, and 91 family members (parents, siblings, grandparents and uncles), making a total of 43 families. The research protocol was composed of the Sociodemographic Data Questionnaire for adolescents and families, the Flexibility and Family Cohesion Assessment Scale (FACES-IV), the Social Support Satisfaction Scale (ESSS) and the Self-concept of Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHCSCS-2).

The results of the study indicated that families are generally perceived as being vulnerable, especially with high perceived chaoticity. However, considering that the social support and self-concept of the young are clearly perceived as positive, we can assume that the perception of dysfunctional family functioning can be felt above all by the parents.

In conclusion, we consider that this study presented a valid diagnosis of a set of relevant aspects for the adjustment and development of young adolescents, and it is possible to equate intervention strategies with the populations studied. School and families should collaborate so that both systems constitute resources and protective factors that promote well-being and contribute positively to the self-concept of adolescents.

Keywords: Family Functioning, Social Support, Self-concept, Adolescents, Families.

“Família é contexto natural para crescer. Família é complexidade. Família é teia de laços sanguíneos e, sobretudo, de laços afetivos. Família gera amor, gera sofrimento. A família vive-se. Conhece-se. Reconhece-se.”

(Relvas, 1996, p. 9)

Introdução

A família é o espaço de vivência de relações afetivas profundas: a filiação, a fraternidade, o amor, a sexualidade, tudo isto numa trama de emoções e afetos positivos ou negativos que, na sua elaboração, vão dando corpo ao sentimento de sermos quem somos e de pertencermos a uma família (Alarcão, 2002).

A entrada do filho mais velho na adolescência, por volta dos 12 anos de idade, constitui um período de transição, podendo ser uma perda para a família da criança que já não depende dos cuidadores como anteriormente (McGoldrick & Carter, 2001). É impossível pensar nesta etapa sem a encarar como um período de grandes mudanças em quase todas as dimensões da família, do adolescente e da interação com o exterior, em virtude do desenvolvimento individual e das repercussões na dinâmica familiar (Alarcão, 2002; McGoldrick & Carter, 2001; Papalia, Olds, & Feldman, 2001; Steinberg & Silk, 2002). É uma etapa em que se ampliam os movimentos de abertura e consequente autonomia do adolescente face à família, sendo importante a adaptabilidade e flexibilidade da família no sentido de promover as mudanças necessárias nesta etapa do ciclo vital da família. A gestão da relação dos pais com os filhos é um desafio que pode implicar posições ambivalentes, isto é, se por um lado não querem ceder a sua posição de autoridade na família, por outro devem facilitar o processo de negociação e flexibilização de regras familiares e de abertura ao exterior, no sentido de proporcionar a socialização, a separação e a autonomia do adolescente (Alarcão, 2002; Grammer & Cabié, 1999; McGoldrick & Carter, 2001).

Apesar da multiplicidade de configurações e de mudanças que a família pode sofrer ao longo do tempo, a estabilidade familiar tem uma forte influência nos processos desenvolvimentais do adolescente. Como tal, a imprevisibilidade familiar, seja ela provocada por mudanças internas e/ou por exposição a desafios e adversidades contextuais, pode comprometer o desenvolvimento do adolescente (Fomby & Sennott, 2013; Priosle, Cruz, & Narciso, 2010).

Este trabalho pretende analisar a percepção de funcionamento familiar de adolescentes e suas famílias e o suporte social e autoconceito dos adolescentes.

Segundo Olson (2000), a coesão e a flexibilidade familiar têm sido consideradas fundamentais do funcionamento da família. A coesão refere-se à ligação emocional que se estabelece entre os membros de uma família e a flexibilidade familiar refere-se à capacidade de mudança, liderança, organização, definição de papéis, regras relacionais e processos de

negociações na família (Olson, 2011; Olson & Gorall, 2006). As famílias que têm níveis equilibrados de coesão são famílias em que os elementos são próximos uns dos outros, sem serem dependentes, são superlativos e contam uns com os outros na resolução de problemas, têm rituais e atividades conjuntas, mas mantêm a sua autonomia. As famílias flexíveis têm capacidade para promover mudanças, uma liderança democrática, onde os papéis se encontram definidos e as regras são firmes e vão sofrendo alterações ao longo do ciclo vital (Olson & Gorall, 2003).

Os níveis extremos ou desequilibrados da coesão revelam excesso de separação (desmembrada) ou aproximação (emaranhada), sendo potencialmente problemáticos para o funcionamento familiar, uma vez que por serem mais extremos e logo mais rígidos, será mais difícil ajustar ou mudar o padrão em momentos em que a família precise de promover o oposto do que é habitual no seu funcionamento, ou maior proximidade ou maior autonomia/separação (Olson & Gorall, 2003). Assim, as famílias emaranhadas caracterizam-se por movimentos centrípetos, tendo limites rígidos com o exterior (Alarcão, 2002). A falta de diferenciação no sistema associa-se a problemas de adaptação, dificultando o processo de autonomia e socialização dos seus elementos (Alarcão, 2002; Barber, Olson & Shagle, 1994). Enquanto as famílias desmembradas são caracterizadas como centrífugas, uma vez que possuem limites tendencialmente rígidos no interior e difusos com o exterior, dificultando o processo de socialização do adolescente, uma vez que não foi disponibilizado um modelo de adaptação social e cultural exterior (Alarcão, 2002).

Os níveis desequilibrados/extremos da flexibilidade podem também ser problemáticos para o desenvolvimento individual e relacional, a longo prazo, uma vez que tendem a ser demasiado estáveis (rígido) ou ter excesso de mudanças (caótico). Num funcionamento familiar rígido existe uma pessoa que detém o controlo e a liderança, sendo as negociações limitadas e as decisões impostas pelo líder. Numa família caótica as decisões são tomadas de forma impulsiva e os papéis são instáveis, estando a liderança comprometida ou mesmo inexistente (Relvas, 2006).

De acordo com o Modelo Circumplexo, níveis equilibrados de coesão e flexibilidade traduzem um funcionamento familiar saudável. As famílias equilibradas também apresentam melhor comunicação e maior satisfação familiar. Por outro lado, os níveis desequilibrados de coesão e flexibilidade podem configurar um funcionamento familiar problemático (Olson & Gorall, 2006; Olson, 2011).

De facto, uma família coesa continua a ser flexível e adapta-se às mudanças dos níveis de apoio emocional para atingir o equilíbrio do sistema (Parker, 2000), demonstrando que a

flexibilidade é considerada um indicador de saúde e funcionalidade familiar (Alarcão, 2002) e que o apoio dos pais evidenciado por uma relação recíproca de confiança e compreensão é um indicador de coesão familiar ideal (Parker, 2000). Adolescentes de famílias com níveis de coesão muito baixos estão mais propensos a comportamentos de risco e a alienação aos pares (Cox & Paley, 1997). Por outro lado, os níveis moderados de coesão ajudam a manter um equilíbrio entre proximidade e autonomia (Parker, 2000).

O estudo de Everri, Mancini e Fruggeri (2016) avaliou a perceção de adolescentes italianos sobre o funcionamento familiar, tendo em conta o Modelo Circumplexo de Olson, avaliando o papel da rigidez. Os resultados indicaram que a rigidez pode associar-se a famílias mais equilibradas/funcionais ou desequilibradas/disfuncionais. Nas famílias equilibradas a rigidez surgiu como adaptativa, estando associada à coesão, flexibilidade, monitorização parental e níveis elevados de satisfação familiar. Em contrapartida, nas famílias desequilibradas a rigidez foi relacionada com um funcionamento desmembrado, baixa coesão e flexibilidade, bem como falta de supervisão parental. Os autores ainda referem que os adolescentes relataram menores níveis de satisfação familiar.

Palmer, Welsh e Tiffin (2016) utilizaram uma perspetiva sistémica para examinar as relações entre as perceções dos adolescentes sobre o funcionamento da família e os comportamentos parentais. Os resultados mostraram que adolescentes percecionam a sua família como equilibrada e moderadamente equilibrada relataram maior apoio dos pais, e os adolescentes com um funcionamento familiar geral equilibrado relataram maior supervisão dos pais.

A avaliação da perceção do funcionamento familiar, através da FACES-IV, em diferentes tipologias familiares (famílias nucleares intactas, monoparentais e reconstituídas), permitiu concluir que as famílias nucleares intactas se percecionam como sendo mais coesas, flexíveis, saudáveis, com uma melhor comunicação e menos desmembradas em comparação com as famílias monoparentais. Os pais percecionam a família como sendo mais coesa, emaranhada, flexível, com uma melhor comunicação e menos desmembrada do que os filhos. Constatou-se, também, que existem diferenças nas famílias nucleares intactas e monoparentais, que se encontram nas diferentes etapas do ciclo vital, nas dimensões coesão, flexibilidade, emaranhamento, rigidez, caoticidade e comunicação (Cerveira, 2015).

Na adolescência, devido a alterações nos papéis, cenários, prioridades, tarefas da parte do adolescente, mas também da família, o sentimento de pertença é crucial e é natural que se observem algumas mudanças nas redes de suporte social e na importância dos seus diferentes elementos. Assim, para além do funcionamento familiar o grupo de pares, o suporte social, é

outra dimensão muito relevante no processo de autonomia e ajustamento dos jovens adolescentes nesta etapa do ciclo vital da família (Thompson, Flood, & Goodvin, 2006).

No entanto, embora os jovens passem a maior parte do seu tempo com os pares, quando existe confiança e uma boa relação com as figuras parentais, a relação com a família tende a manter-se (Valle, Bravo & López, 2009; Arlsan, 2010).

Nesta fase ocorre um ajuste entre o suporte que é proveniente dos pais e o que provém dos pares, sendo que estes últimos vão ao longo desta etapa do desenvolvimento, conquistando uma importância maior na vida e decisões do adolescente podendo tornar-se as figuras de vinculação ativas e os pais passarem a figuras de vinculação na reserva. Esta troca de importância entre pais e pares pode dever-se a diversos fatores (Valle, Bravo & López, 2010): I) os pares são percecionados como figuras com quem o adolescente pode partilhar necessidades comuns de autoexploração; II) nesta etapa do desenvolvimento surge a preocupação com a sexualidade, que é um tópico constrangedor e difícil de abordar com os pais; III) dá-se a emergência de novos interesses que podem não relacionar-se com a família; e IV) os pares são suporte em situações de conflito/tensão com os pais. No entanto, é de salientar que, segundo os mesmos autores, é a falta de diálogo e confiança nos pais que tem maior impacto e influência nestas mudanças.

Kleiman e Riskind (2013) descrevem o suporte social como sendo a “disponibilidade de amigos e membros da família para proporcionarem recursos psicológicos e/ou materiais ao sujeito”. Também Arslan (2010) define o suporte social como sendo um “suporte social e psicológico disponibilizado por pares, família e professores”. Sendo assim, cada figura de suporte tem papéis distintos (Arslan, 2010).

Um dos pontos centrais das investigações de Thompson, Flood e Goodvin (2006) foi estudar o apoio social e psicopatologia do desenvolvimento no âmbito das relações sociais. Os autores referem que quando as relações sociais são disfuncionais e existe isolamento social, estes podem resultar de apoio social inadequado, o que potencia e vulnerabiliza ao desenvolvimento de problemas psicológicos em crianças e jovens. Em contrapartida, nas crianças que têm problemas psicológicos, o apoio social pode funcionar como um mecanismo para enfrentar estas situações, reduzindo as suas dificuldades e problemas, assim como os da sua família. Dunbar, Ford e Hunt (1998) também destacam que o suporte social pode ter um efeito amortecedor dos impactos do stresse, mas por outro lado pode estar relacionado com a diminuição dos níveis de bem-estar.

Dando continuidade ao estudo sobre o suporte social, Camara, Bacigalupe e Padilla (2017) realizaram um estudo cujo objetivo foi analisar a percepção dos adolescentes sobre o stresse e o

suporte social. Os resultados revelaram o duplo papel das relações interpessoais, como fatores de stresse e como fontes de apoio social. Os adolescentes recorrem a fontes de apoio familiar, maduras, amigáveis e, o mais importante dignas de confiança. O tipo de apoio que consideraram mais relevante foi o emocional, embora haja uma associação entre as necessidades e a ajuda oferecida. Já Pestana (2015) identificou os tipos de relacionamento benéficos para o aluno, analisando as suas experiências nas relações sociais bem como o impacto dessas mesmas experiências no seu desenvolvimento escolar. Os principais resultados revelaram que existem correlações positivas entre o desenvolvimento do aluno na escola e a sua perceção de suporte social.

O recente estudo de Fung e Webster (2018) explorou o efeito mediador do interesse social na relação de apoio social e a saúde mental. Os resultados da pesquisa mostraram que as características associadas ao interesse social, sobretudo a preocupação e a cooperação com os outros, são tão importantes para a saúde mental como a qualidade das amizades e o número de amigos. Vaz Serra (2005) ainda reforça o impacto positivo do suporte social no bem-estar das pessoas, sublinhando ainda que o desenvolvimento de ligações afetivas positivas, gera um maior sentimento de segurança, autoconfiança, pertença e sentimentos de utilidade.

O suporte social potencia aceitação e valorização pessoal, e promove um bom autoconceito dos jovens adolescentes (e.g., Sahil, 2010),

Na adolescência, a relação com os pares ajuda à organização do autoconceito dos jovens e, apesar da autonomização face à família mantém-se a sua influência na construção do autoconceito (Antunes & Fontaine, 2005).

O autoconceito, enquanto perceção que o sujeito tem de si, é produto de diversas interações biológicas, sociais e psicológicas, e também das relações familiares (Serra, 1988).

De acordo com Burns (1986), o autoconceito é definido como a imagem do que se pensa ser, do que se pode ser e conseguir, do que se idealiza ser e do que os outros pensam do próprio. Segundo Faria e Fontaine (1990) o autoconceito envolve a perceção que o indivíduo tem de si próprio. Em termos mais específicos, ele corresponde às atitudes, sentimentos e autoconhecimento do sujeito acerca das suas capacidades, competências, aparência física e aceitação social.

Serra (1988) menciona quatro componentes na sua construção: a forma como as outras pessoas veem o indivíduo, provocando o fenómeno do “espelho” que é caracterizado pela tendência do sujeito para se ver da mesma forma que os outros o veem; a consciência do indivíduo sobre o seu desempenho nas várias situações; a comparação do seu comportamento

com o dos pares e a avaliação de determinado comportamento em função dos valores do grupo a que se pertence.

Quando o autoconceito está formado, dificilmente pode ser alterado (Lee & Williams, 1979). Com efeito, as várias crenças que o indivíduo tem acerca de si próprio têm igual importância e significado, mas algumas estão mais próximas da essência do autoconceito e dificilmente poderão mudar, ao contrário das crenças que se situam na periferia e que são mais fáceis de alterar (Purkey & Harper, 1993).

A atitude e suporte parental também desempenham um papel fundamental na formação do autoconceito, uma vez que a imagem que os pais devolvem aos filhos que têm sobre eles terá impacto na sua segurança e confiança sobre as qualidades e recursos que têm ou não como indivíduos (Peixoto, 2004).

Sobre esta temática, Nunes (2010) estudou 30 adolescentes com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos para analisar o autoconceito e o suporte social num grupo de adolescentes em acolhimento institucional, utilizando o PHCSCS-2. Os resultados mostraram que não existem diferenças significativas no autoconceito e no suporte social em função do sexo e da idade, com exceção do domínio satisfação e felicidade do autoconceito. Jovens mais velhos (16-18 anos) obtiveram resultados significativamente mais elevados.

Almeida (2014) estudou, 70 filhos adolescentes e 107 pais, sobre a percepção dos adolescentes e dos seus pais, e o autoconceito dos adolescentes. Concluiu que a percepção do funcionamento familiar do adolescente é em regra mais negativa do que a dos seus pais. Constatou, ainda, a existência de uma associação entre a percepção do funcionamento familiar e o autoconceito do adolescente, mostrando uma melhor percepção do funcionamento familiar e paralelamente um aumento do autoconceito dos adolescentes.

Também foi realizada uma investigação que analisou a relação entre a percepção do apoio social, autoconceito geral e envolvimento escolar em adolescentes, desenvolvida por Ramos-Díaz, Rodríguez-Fernández, Fernández-Zabala, Revuelta e Zuazagoitia (2016). Concluíram que o apoio familiar e o apoio dos professores tiveram um efeito direto e positivo envolvimento escolar. Também confirmaram que o apoio da família e apoio dos pares afeta de forma indireta o autoconceito dos jovens. Todavia, os autores destacam que o suporte familiar tem uma influência maior no autoconceito geral dos filhos adolescentes.

Este estudo tem como principal objetivo analisar a percepção do funcionamento familiar dos adolescentes e das suas famílias, bem como o suporte social e o autoconceito dos adolescentes.

Métodos

Objetivos

Os objetivos específicos deste trabalho são:

- 1) Estudar a perceção do funcionamento familiar dos adolescentes e suas famílias;
- 2) Compreender se existem diferenças no funcionamento familiar em função das variáveis sexo, parentesco, habilitações literárias e configuração familiar;
- 3) Estudar a perceção do suporte social e autoconceito dos adolescentes;
- 4) Analisar se existem diferenças na perceção do suporte social e autoconceito dos adolescentes em função do sexo, nível de escolaridade e sucesso escolar.

Participantes

Foram definidos os seguintes critérios de inclusão relativamente aos participantes: 1) adolescentes a frequentar o 3º ciclo do ensino básico e as respetivas famílias e 2) idade igual ou superior a 12 anos - etapa do ciclo vital famílias com filhos adolescentes.

Na Tabela 1 podemos observar a caracterização dos participantes – pais e filhos adolescentes. Inicialmente participaram 142 sujeitos, mas uma vez que se verificou a falta de preenchimento de algumas questões dos questionários foram excluídos da investigação 8 sujeitos, constando no final um total de 134 participantes.

Participaram neste estudo 71 pais (53,0%) e 43 filhos (32,1%). Relativamente à distribuição de género, verificamos que esta é semelhante, no entanto existem mais participantes do sexo feminino ($n = 69$; 51,5%). As idades variam entre os 12 e os 68 anos, sendo mais frequente os sujeitos terem idades superiores a 36 anos ($n = 73$; 54,5%). Mais de metade dos participantes, ou seja, 64,9%, têm como escolaridade o ensino básico ($n = 87$). No que diz respeito ao estado civil, grande parte dos sujeitos estão solteiros ($n = 64$; 47,8%) ou casados ($n = 57$; 42,5%). A configuração familiar mais frequente é família nuclear ($n = 74$; 55,2%), seguindo-se a família reconstruída ($n = 29$; 21,6%).

Tabela 1*Caracterização sociodemográfica da amostra de adultos e adolescentes*

	<i>n</i> = 134	%	Medidas descritivas
Parentesco			
Filho/ Adolescente	43	32,1	
Pais	71	53,0	<i>Mo</i> : Pais
Avós	2	1,5	
Irmãos	16	11,9	
Tios	2	1,5	
Sexo			
Masculino	65	48,5	<i>Mo</i> : Feminino
Feminino	69	51,5	
Idade			
12 – 15 anos	43	32,1	
16 – 18 anos	7	5,2	<i>M</i> = 32,37
19 – 25 anos	8	6,0	<i>DP</i> = 16,05
26 – 35 anos	3	2,2	<i>Mo</i> : > 36 anos
> 36 anos	73	54,5	
Habilitações literárias			
Ensino básico	87	64,9	<i>Mo</i> : Ensino básico
Ensino secundário	31	23,1	
Ensino superior	16	11,9	
Estado civil			
Solteiro(a)	64	47,8	
Casado(a)	57	42,5	
Divorciado(a)	7	5,2	<i>Mo</i> : Solteiro(a)
Viúvo(a)	3	2,2	
Separado(a)	3	2,2	
Configuração familiar			
Nuclear	74	55,2	
Alargada	8	6,0	<i>Mo</i> : Nuclear
Reconstruída	29	21,6	
Monoparental	23	17,2	

Notas. *n* = número total de sujeitos da amostra; *Mo*: moda; *M* = média; *DP* = desvio-padrão.

Na Tabela 2 podemos consultar os dados relativos à caracterização do percurso escolar dos adolescentes. Mais de metade dos adolescentes frequenta o 9º ano ($n = 23$; 53,5%). A maior parte não reprovou ($n = 35$; 81,4%) e dos adolescentes que reprovaram apenas ocorreu uma vez ($n = 8$; 18,6%). Ainda observamos que o ano em que mais adolescentes reprovaram foi no 7º ano ($n = 3$; 7,0%).

Tabela 2*Caracterização do percurso escolar dos adolescentes*

	<i>n</i> = 43	%	Medidas descritivas
Ano de escolaridade			
7º ano	17	39,5	<i>Mo</i> : 9º ano
8º ano	3	7,0	
9º ano	23	53,5	
Reprovações			
Sim	8	18,6	<i>Mo</i> : Não
Não	35	81,4	
Quantas vezes reprovou			
Uma vez	8	18,6	<i>Mo</i> : Não se aplica
Não se aplica	35	81,4	
Em que ano reprovou			
3º ano	1	2,3	<i>Mo</i> : 7º ano
6º ano	2	4,7	
7º ano	3	7,0	
8º ano	1	2,3	
9º ano	1	2,3	

Notas. *n* = número total de sujeitos da amostra; *Mo*: moda.

Procedimentos

Solicitou-se a aprovação da Direção do Agrupamento de escolas onde foi realizado o estudo para a recolha de dados nas diferentes turmas do 7º ano ao 9º ano do ensino básico. Essa autorização foi cedida, tendo-se, então, contactado os respetivos diretores de turma e solicitada a autorização para proceder à recolha nas turmas. Assim, a investigadora articulou-se com os diretores de turma para encontrarem em conjunto a melhor forma para efetuar a recolha de dados.

Foram explicados os objetivos do estudo e assegurada a confidencialidade e privacidade dos alunos, tendo todos os participantes assinado um consentimento informado.

A administração do protocolo de investigação foi realizada em maio e junho de 2018, junto dos alunos e suas famílias (as famílias preencheram o protocolo no seu domicílio). O protocolo de investigação abrangeu quatro instrumentos que se irão descrever de seguida.

De acordo com os princípios éticos da investigação em psicologia todos os participantes do estudo foram informados sobre a metodologia e o objetivo da investigação e assinaram um consentimento informado (Anexo 1), tendo sido assegurado o total anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos, bem como a utilização apenas para os fins de investigação.

Contactaram-se ainda os autores das escalas, a fim de concederem autorização para a sua utilização neste projeto, e todas as autorizações foram concedidas.

Instrumentos

Foram elaborados 2 protocolos, um para os elementos da família e outro para os alunos/filhos. O protocolo para os elementos da família é constituído por um consentimento informado, um questionário sociodemográfico (Anexo 2) e a Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar (FACES IV). No protocolo dos alunos/ filhos está presente um questionário sociodemográfico (Anexo 3), a Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar (FACES IV) (Anexo 4), a Escala de Satisfação do Suporte Social (ESSS) (Anexo 5) e a Escala de Autoconceito de Piers-Harris (PHCSCS-2) (Anexo 6).

1. A FACES IV- *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale* foi desenvolvida por Gorall, Tiesel e Olson, 2006. A validação portuguesa tem como autores de Sequeira, Cerveira, Silva, Neves, Vicente, Espírito-Santo e Guadalupe e foi feita no ano de 2015.

Tem como objetivo avaliar a perceção do funcionamento das famílias, analisando a hipótese de relação curvilínea entre coesão e flexibilidade, prevista pelo Modelo Circumplexo proposto por Olson. A FACES IV é composta por seis subescalas: duas escalas equilibradas (coesão e flexibilidade) que já existiam nas versões anteriores e quatro novas subescalas desequilibradas (desmembrada, caótica, emaranhada e rígida). Inclui ainda duas subescalas que avaliam a satisfação e a comunicação familiar.

A escala global é composta no total por 62 itens. Cada uma destas subescalas é composta por 7 itens e as escalas da comunicação e satisfação têm 10 itens (Sequeira et al, 2015). A distribuição dos itens é a seguinte: coesão equilibrada (1, 7, 13, 19, 25, 31 e 37); flexibilidade equilibrada (2, 8, 14, 20, 26, 32 e 38); desmembrada (3, 9, 15, 21, 27, 33 e 39); emaranhada (4, 10, 16, 22, 28, 34 e 40); rígida (5, 11, 17, 23, 29, 35 e 41); caótica (6, 12, 18, 24, 30, 36 e 42); comunicação (do 43 ao 52) e a satisfação (do 53 ao 62).

Resultados baixos nas subescalas equilibradas estão associados a um funcionamento familiar problemático e pontuações altas indicam um funcionamento familiar saudável. Já nas subescalas desequilibradas os resultados baixos associam-se a um funcionamento familiar saudável e as pontuações altas um funcionamento familiar problemático (Sequeira et al, 2015).

Na Tabela 2 pode-se observar os valores de alfa de Cronbach para cada subescala e para a escala total obtidos no estudo original Olson (2011) e na presente investigação. Relativamente às características psicométricas da FACES IV, constatamos que na versão original (Olson, 2011) os valores de consistência interna para as subescalas equilibradas e desequilibradas são os seguintes: 0,89 (Coesão), 0,84 (Flexibilidade), 0,87 (Desmembrada), 0,77 (Emaranhada), 0,82 (Rígida) e 0,86 (Caótica). Já na versão portuguesa de Silva (2015), os valores de alfa

foram: 0,77 (Coesão Equilibrada); 0,64 (Flexibilidade Equilibrada); 0,74 (Desmembrada); 0,47 (Emaranhada); 0,65 (Rígida) e 0,70 (Caótica). Na escala de Satisfação o alfa foi 0,94 e na escala Comunicação foi 0,90.

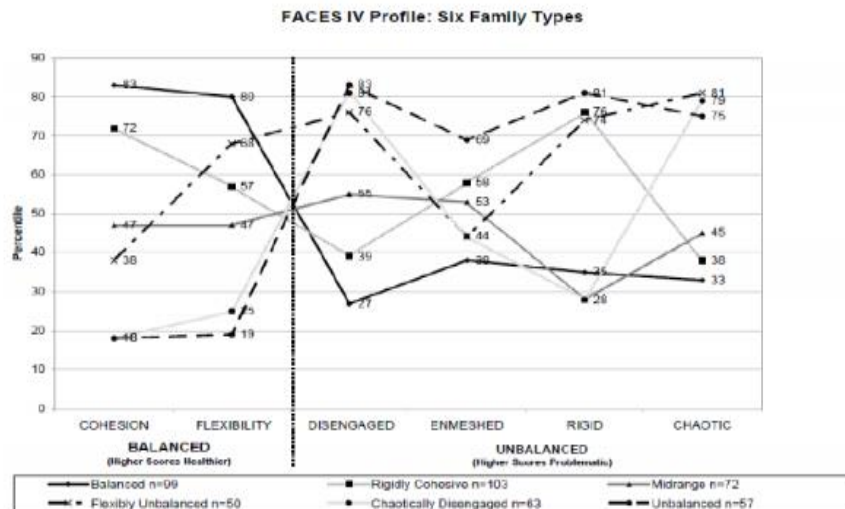
Na presente investigação também realizamos um estudo psicométrico, no qual verificamos os seguintes valores de alfa para subescalas equilibradas e desequilibradas: 0,74 (coesão equilibrada); 0,74 (flexibilidade equilibrada); 0,67 (desmembrada); 0,35 (emaranhada); 0,57 (rígida) e 0,72 (caótica). Na subescala comunicação e subescala satisfação, obtivemos os valores de 0,89 e 0,90 respetivamente. De acordo com DeVellis (1991), a maioria dos valores de consistência interna consideram-se aceitáveis a muito bons. Embora a subescala emaranhada ($\alpha = 0,35$) e a subescala rígida ($\alpha = 0,57$) apresentem valores baixos, o autor refere que na área das ciências sociais e humanas são aceitáveis valores de alfa de Cronbach mais baixos (DeVellis, 1991).

Tabela 3

Consistência Interna FACES IV

Subescalas	Alfa de Cronbach Estudo original (Olson, 2011)	Alfa de Cronbach
Equilibradas		
Coesão	0,89	0,74
Flexibilidade	0,84	0,74
Desequilibradas		
Desmembrada	0,87	0,67
Emaranhada	0,77	0,35
Rígida	0,82	0,57
Caótica	0,86	0,72
Comunicação		0,89
Satisfação		0,90
Total FACES IV		0,81

Os autores Olson e Gorall (2006) verificaram ainda a existência de seis tipologias familiares: famílias equilibradas, rigidamente coesas, médias, flexivelmente desequilibradas, caoticamente desmembradas e desequilibradas, como se pode ver na Figura 1.



- Cluster 1. *Equilibradas (Balanced)* – Estas famílias são caracterizadas por pontuações mais altas nas subescalas equilibradas (da Coesão e Flexibilidade) e mais baixas nas subescalas de desequilibradas. O resultado destas combinações traduz uma tipologia familiar saudável, e baixos níveis de disfuncionalidade ou funcionamento problemático. Prevê-se que sejam famílias que lidam bem com o stresse promovem mudanças associadas aos desafios do ciclo vital da família e é baixa a probabilidade de necessitarem de intervenção terapêutica.
- Cluster 2. *Rigidamente Coesas (Rigidly cohesive)* – Estas famílias são caracterizadas por pontuações altas nas subescalas equilibradas da Coesão e desequilibrada da flexibilidade Rígida. Na subescala Emaranhada a pontuação é moderada e baixas pontuações nas subescalas Desmembrada e Caótica. Identificam-se níveis elevados de proximidade emocional e rigidez quanto à estrutura o que tem como consequência baixa capacidade de mudança. Prevê-se que funcionem ajustadamente devido ao grau de proximidade podendo, porém, ter dificuldades em promover mudanças aquando dos desafios normativos do seu desenvolvimento, especialmente os que exigem movimentos de abertura e autonomia.
- Cluster 3. *Médias (Midrange)* – Estas famílias são caracterizadas por uma pontuação média em todas as subescalas, excetuando a subescala da flexibilidade rígida onde a pontuação pode atingir extremos opostos, ou seja, tanto pode apresentar níveis muito baixos ou níveis muito elevados. Estas famílias, na sua generalidade, caracterizam-se como tendo um funcionamento adequado, visto não se situarem nos níveis extremos, embora sejam instáveis.

- Cluster 4. *Flexivelmente Desequilibradas (Flexibility Unbalanced)* – Estas famílias são caracterizadas por pontuações altas em todas as subescalas exceto na subescala da coesão, onde apresentam pontuações médias ou baixas. Estas pontuações parecem indicar um funcionamento problemático. Por sua vez, estas famílias têm a característica de terem pontuações altas na subescala flexibilidade, o que poderá significar que estas famílias conseguem promover mudanças e ajustar-se e serem potencialmente capazes de resolver as suas dificuldades. Estas famílias são as mais difíceis de caraterizar.
- Cluster 5. *Caoticamente Desligadas (Chaotically Disengaged)* – Estas famílias são caracterizadas por pontuações baixas nas subescalas rígida e emaranhada e, também, nas subescalas equilibradas da coesão e flexibilidade. Nas subescalas caótica e desmembrada as pontuações são altas. Estas são famílias consideradas como tendo problemas na coesão, em particular, falta de proximidade emocional. São famílias potencialmente problemáticas pelo afastamento relacional e excesso de flexibilidade, ou seja, ausência de padrões, regras e rotinas familiares.
- Cluster 6. *Desequilibradas (Unbalanced)* – Estas famílias são caracterizadas por pontuações baixas nas 2 subescalas equilibradas e pontuações altas nas 4 subescalas desequilibradas. Estas famílias são consideradas mais problemáticas e o oposto das famílias equilibradas. São estas as famílias que apresentam dificuldades no seu funcionamento geral, podendo oscilar entre os extremos disfuncionais e por isso têm uma elevada probabilidade de necessitar de ajuda terapêutica para enfrentar os desafios do desenvolvimento.

Olson e Gorall (2006) para avaliar o grau de equilíbrio ou desequilíbrio das famílias ainda desenvolveram o rácio da coesão equilibrada, da flexibilidade equilibrada e o rácio circumplexo total. Quanto maiores os valores acima de 1, mais funcional é a família e quanto mais abaixo de 1, menos funcional é a família.

Fórmulas para Obtenção dos Rácios do Modelo Circumplexo

$$\text{Rácio de Coesão} = \frac{\text{Coesão Equilibrada}}{\frac{(\text{Desagregada} + \text{Aglutinada})}{2}}$$

$$\text{Rácio de Flexibilidade} = \frac{\text{Flexibilidade Equilibrada}}{\frac{(\text{Rígida} + \text{Caótica})}{2}}$$

$$\text{Rácio do Funcionamento Familiar} = \frac{\text{Rácio de Coesão} + \text{Rácio de Flexibilidade}}{2}$$

Nota. Adaptada de “FACES IV: Scoring & Storing Data”, de D. Olson, 2010, Unpublished manuscript, p. 2.

2. *Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS; Wethington & Kessler; Ribeiro, 2011)* foi desenvolvida por Wethington e Kessler e validada para a população portuguesa por Pais Ribeiro (1999). A ESSS tem como objetivo avaliar o grau de satisfação do indivíduo com o seu suporte social relativamente à família, amigos, relações de intimidade e atividades sociais. Segundo Siqueira (2008), a ESSS, avalia as necessidades de suporte social, mede o grau de satisfação com o suporte social recebido e o tipo de suporte disponibilizado pelos elementos que integram todas as suas redes sociais. É uma escala multidimensional, constituída por 15 itens, de resposta tipo Likert, com cinco opções de resposta. As cinco opções, do questionário são “concordo totalmente”, “concordo na maior parte”, “não concordo nem discordo”, “discordo na maior parte” e “discordo totalmente”. Os itens são somados para obtenção de uma pontuação global (Ribeiro, 1999).

A ESSS é composta por 4 dimensões: 1) Satisfação com amigos (SA) mede a satisfação com as amizades/amigos. Inclui cinco itens (3, 12, 13, 14, 15) e apresenta uma consistência interna de 0,83; 2) Intimidade (IN) - mede a perceção da existência de suporte social íntimo (itens 1, 4, 5, 6) e apresenta uma consistência interna de 0,74; 3) Satisfação com a família (SF) - mede a satisfação com o suporte social familiar (itens 9, 10, 11) apresenta uma consistência interna de 0,74. 4) Atividades sociais (AS) - mede a satisfação com as atividades sociais três (itens 2, 7, 8) e obteve consistência interna de 0,64. A consistência interna considera-se aceitável para valores acima de 0,60 quando o número de itens do fator é baixo (Ribeiro, 1999). Neste estudo realizado a consistência interna foi de 0,64, estando dentro dos valores considerados válidos.

A soma da totalidade dos itens resulta na nota total da escala. A nota de cada fator resulta da soma dos itens que pertencem a cada um dos fatores. Os itens são cotados atribuindo 1 valor aos itens assinalados com “A” e 5 valores aos itens assinalados com “E”. São exceções os itens invertidos que são os seguintes: 4, 5, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, nos quais 1 valor é atribuído aos itens assinalados com “E” e 5 valores aos itens assinalados com “A” (ver no Anexo 3 a grelha de cotação). A nota total da escala pode variar entre 15 (15×1) e 75 (15×5), sendo que à nota mais elevada corresponde uma maior perceção de suporte social.

Ribeiro (2011) ao realizar a versão portuguesa também procedeu à análise da consistência interna, através do cálculo do alfa de Cronbach, verificando que as subescalas e escala total apresentam valores que variam entre o aceitável e o muito bom (DeVellis, 1991): 0,83 (Satisfação com Amigos); 0,74 (Intimidade); 0,74 (Satisfação em Família); 0,64 (Atividades Sociais) e 0,85 (Escala total). Na presente investigação também realizamos a análise de consistência interna, havendo valores de alfa de Cronbach muito bons (DeVellis, 1991), sendo

claramente superiores aos da versão portuguesa: 0,97 (Satisfação com Amigos); 0,93 (Intimidade); 0,98 (Satisfação com a Família); 0,92 (Atividades Sociais) e 0,99 (Escala total).

3. *Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHCSCS-2)* elaborada por Piers e Hertzberg (2002) foi adaptada para a população portuguesa por Veiga (1989; 2006) e serve para avaliar o autoconceito (Veiga, 1989). É uma escala do tipo Thurstone (itens dicotómicos), com 60 afirmações em que o aluno deve assinalar “sim” ou “não”, conforme o enunciado do item seja ou não aplicável a si próprio. A cada resposta na direção do autoconceito positivo atribui-se um ponto (Veiga, 1989).

A escala contém seis fatores: Fator I – Aspeto comportamental (AC) – refere-se à perceção que o sujeito tem do seu tipo de comportamento em situações várias e da responsabilidade pelas suas ações, designadamente em casa e na escola. É composto por 13 itens (12, 13, 14, 18, 19, 20, 27, 30, 36, 38, 45, 48, 58). Fator II – Ansiedade (NA) – este fator inclui 8 itens (4, 7, 10, 17, 23, 29, 56, 59) e refere-se à insegurança, às preocupações, aos medos e inquietações sobre si própria e relativamente às situações. Tem a ver com emoções e expectativas negativas. Fator III – Estatuto intelectual e escolar (EI) – são 13 os itens que se relacionam com este fator (5, 16, 21, 22, 24, 25, 26, 34, 39, 43, 50, 52, 55), que sugere a forma como a pessoa se vê a si própria relativamente ao rendimento obtido nas tarefas intelectuais. Tem a ver com a admiração que pensa que lhe é dispensada na turma, devido às suas ideias e capacidades de aprendizagem. Fator IV – Popularidade (PO) – este fator é composto por 10 itens (1, 3, 6, 11, 32, 37, 41, 47, 51, 57) e refere-se à maneira como o sujeito se percebe nas relações com os colegas, à facilidade em fazer amigos, ao grau de popularidade e ao modo como se sente incluído e desejado nos desportos e noutras atividades de grupo. Fator V – Aparência e atributos físicos (AF) – pretende avaliar o que a pessoa pensa acerca da sua aparência física. Uma pontuação alta neste fator indica que a pessoa gosta do corpo que tem. É composto por 9 itens (8, 9, 15, 33, 44, 46, 49, 54). Fator VI – Satisfação-felicidade (SF) – é um fator composto por 8 itens (2, 28, 31, 35, 40, 42, 53, 60) e sugere a satisfação que a pessoa sente por ser como é, tem a ver com o seu nível de felicidade geral. Será de salientar que aos scores mais elevados, em todos os fatores (incluindo o fator ansiedade) correspondem níveis superiores de autoconceito. A pontuação total obtida na escala é alcançada pela soma da pontuação em cada um dos 60 itens e não pelo somatório das pontuações nos fatores.

Na versão portuguesa realizada por Veiga (1989), verificamos que as qualidades psicométricas no seu todo e nas suas subescalas são aceitáveis ou muito boas. Os valores de alfa de Cronbach encontrados pelo autor foram os seguintes: 0,74 (Aspeto Comportamental);

0,62 (Ansiedade); 0,75 (Estatuto Intelectual); 0,70 (Popularidade); 0,72 (Aparência Física); 0,67 (Satisfação/Felicidade) e 0,90 (Escala total). No nosso estudo, os valores de alfa de Cronbach ainda foram mais elevados, considerando-se todos muito bons (DeVellis, 1991): 0,99 (Aspeto Comportamental); 0,99 (Ansiedade); 0,99 (Estatuto Intelectual); 0,99 (Popularidade); 0,99 (Aparência Física); 0,99 (Satisfação/Felicidade) e 0,98 (Escala total).

Análise Estatística

A análise dos dados foi realizada através do programa informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 25 para Windows.

Primeiramente, analisamos a distribuição da amostra através do cálculo do teste de Kolmogorov-Smirnov, que indicou a sua distribuição não é normal. Por isso, optamos por utilizar testes não paramétricos. Os valores de alfa de Cronbach das escalas e subescalas em estudo foram interpretados segundo os critérios de DeVellis (1991): entre 0,6 e 0,7: aceitável; entre 0,7 e 0,8: bom; entre 0,8 e 0,9: muito bom.

De seguida, para determinar o cálculo de frequências absolutas e percentuais, bem como medidas de tendência central e medidas de dispersão realizou-se uma análise descritiva. A partir de *Testes U de Mann-Whitney e Testes de Kruskal-Wallis* analisamos se existiam diferenças significativas no funcionamento familiar, suporte social e autoconceito em função de algumas variáveis sociodemográficas selecionadas.

Resultados

Percepção do Funcionamento Familiar dos Adolescentes e suas Famílias

Na Tabela 4 apresentaram-se os resultados obtidos nas subescalas Equilibradas da FACES IV. Através da tabela verificamos que na subescala Coesão praticamente a totalidade dos participantes identificou o funcionamento das suas famílias como algo coeso ($n = 133$; 99,3%), e 118 participantes consideraram a sua família, quanto à flexibilidade como flexível.

Tabela 4*Análise descritiva das subescalas equilibradas da FACES IV (n = 134)*

Subescalas	Nível	n (% válida)	M	DP	Intervalo
Coesão equilibrada	Algo coesa	133 (99,3%)	12,25	4,52	10 - 50
	Coesa	1 (0,7%)			
	Muito coesa	0 (0%)			
Flexibilidade equilibrada	Algo flexível	4 (3,0%)	46,49	11,00	15 - 75
	Flexível	118 (88,1%)			
	Muito flexível	12 (9,0%)			

Notas. n = número total de sujeitos da amostra; M = média; DP = desvio padrão.

A Tabela 5 sintetiza os resultados das subescalas Desequilibradas da FACES IV, podendo-se verificar que na generalidade os valores obtidos são muito baixos ou baixos, com exceção da subescala Caótica onde os valores são altos. Observamos essencialmente valores muito baixos nas subescalas desmembrada ($n = 70$; 52,2%; $M = 27,77$; $DP = 8,23$) e emaranhada ($n = 118$; 88,1%; $M = 27,63$; $DP = 8,80$), enquanto na subescala Rígida os valores foram baixos ($n = 74$; 55,2%). Os resultados destas subescalas revelaram um funcionamento familiar que tende para o equilíbrio. Em contrapartida, na subescala Caótica os valores foram preocupantes, uma vez que os participantes assinalaram um nível alto de caoticidade ($n = 59$; 44,0%).

Tabela 5*Análise descritiva das subescalas desequilibradas da FACES IV*

Subescalas	Nível	n (% válida)	M	DP	Intervalo
Desmembrada	Muito baixo	70 (52,2%)	27,77	8,23	12 - 55
	Baixo	58 (43,3%)			
	Moderado	6 (4,5%)			
	Alto	0 (0%)			
	Muito alto	0 (0%)			
Emaranhada	Muito baixo	70 (52,2%)	27,63	8,80	13 - 75
	Baixo	59 (44,0%)			
	Moderado	4 (3,0%)			
	Alto	1 (0,7%)			
	Muito alto	0 (0%)			
Rígida	Muito baixo	7 (5,2%)	41,03	10,88	20 - 80
	Baixo	74 (55,2%)			
	Moderado	46 (34,3%)			
	Alto	6 (4,5%)			
	Muito alto	1 (0,7%)			
Caótica	Muito baixo	3 (2,2%)	64,49	17,98	10 - 99
	Baixo	16 (11,9%)			
	Moderado	27 (20,1%)			
	Alto	59 (44,0%)			
	Muito alto	29 (21,6%)			

Notas. n = número total de sujeitos da amostra; M = média; DP = desvio padrão.

No que diz respeito aos resultados da Tabela 6, constatamos que os valores obtidos revelam níveis baixos, tanto na subescala comunicação ($n = 101$; 75,4%), como na subescala satisfação ($n = 107$; 79,9%) da FACES IV. Ou seja, os participantes estão pouco satisfeitos com a sua família e consideram a comunicação baixa.

Tabela 6

Análise descritiva das subescalas comunicação e satisfação da FACES IV

Subescalas	Nível	<i>n</i> (% válida)	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Intervalo</i>
Comunicação	Muito baixa	31 (23,1%)	23,30	4,18	15 - 40
	Baixa	101 (75,4%)			
	Moderada	2 (1,5%)			
	Alta	0 (0%)			
	Muito alta	0 (0%)			
Satisfação	Muito baixa	27 (20,1%)	23,13	3,36	15 - 31
	Baixa	107 (79,9%)			
	Moderada	0 (0%)			
	Alta	0 (0%)			
	Muito alta	0 (0%)			

Notas. *n* = número total de sujeitos da amostra; *M* = média; *DP* = desvio padrão.

A Tabela 7 apresenta os rácios da Coesão, da Flexibilidade e do Total. Importa considerar esta análise, uma vez que os resultados dos rácios permitem compreender o grau de funcionalidade/equilíbrio (< 1) ou disfuncionalidade/desequilíbrio (≥ 1). Através da tabela observou-se que as famílias são percecionadas pelos participantes como disfuncionais, tanto ao nível da Coesão, como da Flexibilidade e do Total.

Tabela 7

Análise dos Rácios da Coesão, Flexibilidade e Total

Rácio	Nível	<i>n</i> (% válida)	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Intervalo</i>
Coesão equilibrada	Desequilibrada	134 (100%)	0,11	0,03	0,06-0,33
Flexibilidade equilibrada	Desequilibrada	134 (100%)	0,22	0,06	0,07-0,50
Total	Desequilibrada	134 (100%)	0,17	0,04	0,08-0,42

Notas. *n* = número total de sujeitos da amostra; *M* = média; *DP* = desvio padrão.

A Tabela 8 apresenta a análise de diferenças das subescalas da FACES IV, dependendo do sexo dos participantes (adultos e adolescentes em conjunto), tendo-se calculado para o efeito o teste U de Mann-Whitney. Os resultados indicaram que a subescala comunicação revelou diferenças estatisticamente significativas ($p = 0,02$) entre os grupos, na qual verificamos que

os participantes do sexo masculino revelaram valores médios superiores ($M = 75,38$), comparando com os do sexo feminino ($M = 60,08$), ou seja, avaliam a comunicação familiar como sendo mais elevada do que os do sexo feminino.

Foi ainda estudada a diferença entre sexos nos grupos dos adolescentes e dos adultos. Os resultados mostram que existem apenas diferenças estatisticamente significativas entre os adolescentes rapazes e raparigas nas subsescalas flexibilidade equilibrada e na comunicação na família. As raparigas percecionam a família como tendo uma flexibilidade equilibrada mais alta do que os rapazes ($p = 0,04$; $M = 17,63$; $M = 25,46$). Quanto a comunicação, os rapazes percecionam melhor comunicação na família ($p = 0,02$; $M = 26,97$; $M = 18,06$). (Tabelas – Apêndice 4).

Tabela 8

Análise de diferenças das subsescalas da FACES IV em função do sexo

	Sexo		U	p
	Masculino	Feminino		
	(n = 65)	(n = 69)		
	M	M		
FACES-IV				
Coesão equilibrada	72,48	62,80	1918,50	0,12
Flexibilidade equilibrada	65,73	69,17	2127,50	0,60
Desmembrada	68,14	66,90	2201,00	0,85
Emaranhada	67,08	67,90	2215,00	0,90
Rígida	64,64	70,20	2056,50	0,40
Caótica	62,53	72,18	1919,50	0,14
Comunicação	75,38	60,08	1730,50	0,02
Satisfação	70,95	64,25	2018,00	0,31

Nota. M = Média; U = Teste U Mann-Whitney; p = valor de significância estatística ($p < 0,05$).

Para o estudo de comparações entre os grupos em função do parentesco optou-se por retirar desta análise o grupo dos tios e avós, uma vez que são apenas 2 mais 2 elementos o que limita a análise dos resultados, pelo tamanho dos grupos ser excessivamente pequeno, que desta análise possa ser retirado (Tabela 9).

Os resultados mostraram que houve diferenças significativas entre os grupos na subescala coesão equilibrada ($p = 0,04$; $M = 83,03$) e na subescala emaranhada ($p = 0,00$; $M = 80,66$), constatando-se que o grupo dos irmãos obtiveram as pontuações médias mais elevadas, comparando com os outros dois grupos. Também houve diferenças significativas entre os grupos na subescala caótica ($p = 0,00$; $M = 76,57$), constatando-se que o grupo dos pais e mães obtiveram pontuações médias mais elevadas.

O teste Post-Hoc (Comparações Pairwise) revelou que na subescala coesão equilibrada as diferenças significativas situam-se entre os pais e irmãos ($p = 0,04$). Na subescala emaranhada encontram-se diferenças entre os pais e filhos ($p = 0,00$) e entre os pais e irmãos ($p = 0,02$). Por fim, na subescala caótica existem diferenças significativas entre os filhos e pais ($p = 0,00$).

Tabela 9

Análise de diferenças das subescalas da FACES IV em função do parentesco

	Parentesco			<i>H</i>	<i>p</i>
	Filhos (<i>n</i> = 43)	Pais e mães (<i>n</i> = 71)	Irmãos (<i>n</i> = 16)		
	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>		
FACES-IV					
Coesão equilibrada	68,84	59,53	83,03	6,46	0,04
Flexibilidade equilibrada	59,35	71,96	53,38	5,03	0,08
Desmembrada	74,47	58,94	70,50	4,92	0,08
Emaranhada	79,92	53,35	80,66	16,43	0,00
Rígida	69,49	62,25	69,22	1,18	0,55
Caótica	49,38	76,57	59,69	14,50	0,00
Comunicação	72,73	58,39	77,59	5,85	0,05
Satisfação	63,15	63,79	79,41	2,51	0,28

Nota. *M* = Média; *H* = Teste de Kruskal-Wallis; *p* = valor de significância estatística ($p < 0,05$).

De seguida, calculamos o teste de Kruskal-Wallis para analisar as diferenças das subescalas da FACES IV em função das habilitações literárias dos adultos (pais, mães, avós e tios) (Tabela 10).

Através da análise constatamos que a subescala desmembrada ($p = 0,01$; $M = 73,09$), a subescala emaranhada ($p = 0,00$; $M = 72,99$), a subescala comunicação ($p = 0,00$; $M = 72,99$) e a subescala satisfação ($p = 0,00$; $M = 72,99$) revelaram diferenças significativas entre os grupos, averiguando-se que o grupo com o ensino básico mostrou pontuações médias superiores, comparando com o grupo com o ensino secundário e o grupo com o ensino superior.

O teste *Post-Hoc* (Comparações *Pairwise*) indicou que na subescala desmembrada as diferenças significativas se situam entre o grupo do ensino superior e o grupo do ensino básico ($p = 0,02$), sendo que o grupo do Ensino Superior percebe menos desmembramento. Na subescala emaranhada as diferenças encontram-se entre o grupo do ensino superior e o grupo do ensino secundário ($p = 0,03$), bem como entre o grupo do ensino superior e o grupo do ensino básico ($p = 0,00$). Na comunicação as diferenças situam-se entre o grupo do ensino superior e o grupo do ensino básico ($p = 0,00$), enquanto na satisfação as diferenças encontram-se entre o grupo do ensino superior e o grupo do ensino básico ($p = 0,03$).

Tabela 10

Análise de diferenças das subescalas da FACES IV em função das habilitações literárias (adultos)

	Habilitações Literárias			H	P
	Ensino Básico (n = 41)	Ensino Secundário (n = 20)	Ensino Superior (n = 14)		
	M	M	M		
FACES-IV					
Coesão equilibrada	41,63	35,18	31,39	3,34	0,18
Flexibilidade equilibrada	34,82	38,68	46,36	3,09	0,21
Desmembrada	42,56	37,73	25,04	6,84	0,03
Emaranhada	42,00	41,08	21,89	9,55	0,00
Rígida	40,02	31,13	41,89	2,83	0,24
Caótica	34,90	44,20	38,21	2,48	0,28
Comunicação	44,04	36,73	22,14	10,94	0,00
Satisfação	42,60	37,08	25,86	6,26	0,04

Nota. M = Média; H = Teste de Kruskal-Wallis; p = valor de significância estatística ($p < 0,05$).

Na Tabela 11 procedemos ao cálculo do teste de Kruskal-Wallis para analisar as diferenças das subescalas da FACES IV em função da configuração da família. Os resultados apontaram que a subescala caótica demonstra diferenças significativas ($p = 0,01$) entre os grupos, observando que as famílias reconstruídas ($M = 74,05$) têm as pontuações médias mais elevadas, comparando com as restantes tipologias familiares. Já na subescala comunicação também encontramos diferenças significativas ($p = 0,01$), na qual as famílias alargadas revelam os valores médios mais elevados ($M = 109,56$), comparativamente às outras tipologias familiares.

Ainda calculamos o teste *Post-Hoc* (Comparações *Pairwise*) que revelou que na subescala caótica as diferenças significativas se situam entre as famílias alargadas e as famílias nucleares ($p = 0,02$), entre as famílias alargadas e as famílias monoparentais ($p = 0,02$), bem como entre as famílias alargadas e as famílias reconstruídas ($p = 0,01$). Por sua vez, na subescala comunicação as diferenças encontram-se entre as famílias nucleares e as famílias alargadas ($p = 0,00$), e, entre as famílias reconstruídas e as famílias alargadas ($p = 0,02$).

Ainda que não se observem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos é de assinalar que as famílias monoparentais são as que apresentam maior satisfação com a família ($M = 75,15$).

Tabela 11*Análise de diferenças das subescalas da FACES IV em função da configuração familiar*

	Configuração Familiar				<i>H</i>	<i>P</i>
	Nuclear (<i>n</i> = 74)	Alargada (<i>n</i> = 8)	Reconstruída (<i>n</i> = 29)	Monoparental (<i>n</i> = 23)		
	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>		
FACES-IV						
Coesão equilibrada	68,07	68,81	71,09	60,67	1,13	0,76
Flexibilidade equilibrada	69,77	73,50	68,93	56,30	2,47	0,48
Desmembrada	66,66	51,38	66,83	76,65	2,73	0,43
Emaranhada	68,14	64,75	62,24	73,04	1,07	0,78
Rígida	70,95	48,88	69,09	60,87	3,18	0,36
Caótica	67,72	27,00	74,05	72,63	10,01	0,01
Comunicação	62,84	109,56	66,16	69,64	10,70	0,01
Satisfação	64,66	73,19	67,12	75,15	1,47	0,68

Nota. *M* = Média; *H* = Teste de Kruskal-Wallis; *p* = valor de significância estatística (*p* < 0,05).

Perceção do Suporte Social dos Adolescentes

Na Tabela 12 expomos os resultados relativos à análise descritiva da satisfação com o suporte social dos adolescentes, avaliada pela ESSS, onde observamos que estes jovens sentem mais satisfação com os amigos (*M* = 19,42; *DP* = 4,66), mostrando também um nível de satisfação com o suporte social (ESSS total) acima da média (*M* = 54,33; *DP* = 9,77), tendo em consideração os intervalos (mínimo e máximo).

Tabela 12*Análise descritiva dos fatores da ESSS (n = 43)*

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Intervalo (Min e Máx)</i>
Satisfação com amigos	19,42	4,66	8 – 25
Intimidade	14,19	3,19	6 – 20
Satisfação com família	11,84	3,57	3 – 15
Atividades sociais	8,88	2,43	4 – 15
ESSS total	54,33	9,77	34 – 71

Notas. *n* = número total de sujeitos da amostra; *M* = média; *DP* = desvio padrão.

Seguidamente, debruçamo-nos no estudo específico dos adolescentes, analisando os fatores da ESSS, dependendo do sexo (Tabela 13). No que diz respeito a esta análise verificamos que não existem diferenças estatisticamente significativas na ESSS, embora as raparigas apresentem sempre resultados mais baixos, com exceção da satisfação com a família.

Tabela 13*Análise de diferenças dos fatores do ESSS em função do sexo*

	Sexo		U	p
	Masculino	Feminino		
	(n = 19)	(n = 24)		
	M	M		
Satisfação com amigos	23,26	21,00	204,00	0,55
Intimidade	24,11	20,33	188,00	0,32
Satisfação com família	21,50	22,40	218,50	0,81
Atividades sociais	22,03	21,98	227,50	0,99
Total	23,05	21,17	208,00	0,62

Nota. M = Média; U = Teste U Mann-Whitney

Em relação à Tabela 14 apresentamos as diferenças dos fatores do ESSS em função do ano de escolaridade dos adolescentes, tendo-se utilizado o teste de Kruskal-Wallis. Segundo a tabela, observamos que na ESSS não existem diferenças estatisticamente significativas entre grupos.

Tabela 14*Análise de diferenças dos fatores do ESSS em função do ano de escolaridade*

	Ano de escolaridade			H	p
	7º ano	8º ano	9º ano		
	(n = 17)	(n = 3)	(n = 23)		
	M	M	M		
Satisfação com amigos	26,35	14,50	19,76	3,87	0,14
Intimidade	21,88	22,67	22,00	0,10	0,99
Satisfação com família	25,65	29,83	18,28	4,84	0,08
Atividades sociais	21,74	20,67	22,37	0,06	0,96
Total	25,85	21,50	19,22	2,73	0,25

Nota. M = Média; H = Teste de Kruskal-Wallis; p = valor de significância estatística ($p < 0,05$).

Também averiguamos se existiam diferenças nos fatores da ESSS em função do sucesso escolar (Tabela 15). Relativamente a esta análise constatamos que não há diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

Tabela 15*Análise de diferenças dos fatores do ESSS em função do Sucesso escolar*

	Sucesso escolar		<i>H</i>	<i>p</i>
	Sim	Não		
	(<i>n</i> = 8)	(<i>n</i> = 35)		
	<i>M</i>	<i>M</i>		
Satisfação com amigos	17,75	22,97	106,00	0,28
Intimidade	20,81	22,27	130,50	0,76
Satisfação com família	22,19	21,96	138,50	0,96
Atividades sociais	15,00	23,60	84,00	0,07
Total	18,19	22,87	109,50	0,34

Nota. *M* = Média; *U* = Teste *U* Mann-Whitney*Percepção do Autoconceito dos Adolescentes*

De seguida, verificamos na Tabela 16 os resultados relativos à análise descritiva do autoconceito dos adolescentes, avaliado pelo PHCSCS-2. Os resultados mostraram que estes jovens têm pontuações médias mais elevadas no aspeto comportamental ($M = 10,98$; $DP = 2,05$) e no total PHCSCS-2 ($M = 44,33$; $DP = 7,64$). Em contrapartida, verificamos que a ansiedade é um fator que apresenta o valor médio mais baixo ($M = 4,28$; $DP = 2,13$).

Tabela 16*Análise descritiva dos fatores da PHCSCS-2 (*n* = 43)*

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Intervalo (Min e Máx)</i>
Aspeto comportamental	10,98	2,05	5-13
Ansiedade	4,28	2,13	0-8
Estatuto intelectual	8,86	2,19	5-13
Popularidade	7,47	1,81	3-10
Aparência física	5,58	1,97	0-8
Satisfação-felicidade	7,21	1,33	2-8
PHCSCS-2 total	44,33	7,64	23-58

Notas. *n* = número total de sujeitos da amostra; *M* = média; *DP* = desvio padrão.

Também nos debruçamos no estudo específico dos adolescentes, analisando os fatores do PHCSCS-2, dependendo do sexo (Tabela 17). No que diz respeito a esta análise verificamos que o fator Ansiedade apresenta diferenças significativas ($p = 0,00$), no qual os adolescentes do sexo masculino têm as pontuações médias mais elevadas ($M = 28,92$), comparativamente aos adolescentes do sexo feminino.

Tabela 17*Análise de diferenças dos fatores do PHCSCS-2 em função do sexo*

	Sexo		U	p
	Masculino	Feminino		
	(n = 19)	(n = 24)		
	M	M		
Aspeto comportamental	23,05	21,17	208,00	0,61
Ansiedade	28,92	16,52	96,50	0,00
Estatuto intelectual	21,50	22,40	218,50	0,81
Popularidade	24,37	20,13	183,00	0,26
Aparência física	23,34	20,94	202,50	0,51
Satisfação-felicidade	22,26	21,79	223,00	0,88
Total	24,79	19,79	175,00	0,19

Nota. M = Média; U = Teste U Mann-Whitney

Em relação à Tabela 18 pudemos estudar as diferenças dos fatores do PHCSCS-2 em função do ano de escolaridade dos adolescentes, tendo-se utilizado o teste de Kruskal-Wallis.

Segundo a tabela, observamos que na PHCSCS-2 existem diferenças significativas entre grupos. O fator estatuto intelectual apresenta diferenças significativas ($p = 0,02$), no qual os adolescentes que frequentam o 7º ano têm as pontuações médias mais elevadas ($M = 28,53$), comparativamente com os jovens que frequente o 8º ano e 9º ano. O teste *Post-Hoc* (Comparações *Pairwise*) revelou que no fator estatuto intelectual as diferenças significativas se situam entre o grupo de alunos do 9º ano e o grupo de alunos do 7º ano ($p = 0,01$).

Os fatores aparência física ($p = 0,01$; $M = 29,83$) e o total do PHCSCS-2 ($p = 0,02$; $MR = 28,41$) também demonstraram diferenças significativas, em todas elas as pontuações médias mais elevadas foram obtidas pelos adolescentes que frequentam o 7º ano e o 8º ano respetivamente, quando comparados com os jovens que frequentam o 9º ano. Também calculamos o teste *Post-Hoc* que indicou que no fator aparência física as diferenças significativas encontram-se entre o grupo de alunos do 9º ano e o grupo de alunos do 7º ano ($p = 0,02$). Enquanto no PHCSCS-2 total as diferenças situam-se entre o grupo de alunos do 9º ano e o grupo de alunos do 7º ano ($p = 0,01$).

Tabela 18*Análise de diferenças dos fatores do PHCSCS-2 em função do ano de escolaridade*

	Ano de escolaridade			H	p
	7º ano	8º ano	9º ano		
	(n = 17)	(n = 3)	(n = 23)		
	M	M	M		
Aspeto comportamental	26,59	23,67	18,39	4,42	0,10
Ansiedade	22,97	22,17	21,26	0,18	0,91
Estatuto intelectual	28,53	17,67	17,74	7,82	0,02
Popularidade	26,21	14,33	19,89	3,80	0,14
Aparência física	27,32	29,83	17,04	8,50	0,01
Satisfação-felicidade	25,85	24,67	18,80	4,19	0,12
Total	28,41	20,67	17,43	7,54	0,02

Nota. M = Média; H = Teste de Kruskal-Wallis; p = valor de significância estatística (p < 0,05).

Também averiguamos se existiam diferenças nos fatores do PHCSCS-2 em função do sucesso escolar (Tabela 19). Relativamente a esta análise constatamos que não há diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

Tabela 19*Análise de diferenças dos fatores do PHCSCS-2 em função do sucesso escolar*

	Sucesso escolar		H	p
	Sim	Não		
	(n = 8)	(n = 35)		
	M	M		
Aspeto comportamental	19,25	22,63	118,00	0,51
Ansiedade	23,94	21,56	124,50	0,62
Estatuto intelectual	15,56	23,47	88,50	0,10
Popularidade	21,56	22,10	136,50	0,91
Aparência física	22,06	21,99	139,50	0,98
Satisfação-felicidade	20,94	22,24	131,50	0,76
Total	17,69	22,99	105,50	0,28

Nota. M = Média; U = Teste U Mann-Whitney

Discussão

Como já foi mencionado anteriormente, esta investigação tem como principal objetivo analisar a percepção do funcionamento familiar dos adolescentes e das suas famílias, bem como o suporte social e o autoconceito dos adolescentes.

Dos resultados deste estudo podem apontar-se alguns resultados mais relevantes: 1) Os participantes percebem as suas famílias como flexíveis, mas não muito coesas, e com elevada percepção de caoticidade. Podemos afirmar que as nossas famílias se inserem no Cluster 5. *Caoticamente Desligadas (Chaotically Disengaged)*; 2) Os adolescentes e suas famílias também percebem um nível de comunicação e satisfação familiar baixo; 3) Pais, filhos e irmãos apresentam diferentes percepções de funcionamento familiar, sendo que os filhos e

irmãos veem a família como mais coesa, mais emaranhada e os pais como mais caótica; 4) Famílias que possuem o ensino básico percecionam um funcionamento familiar mais desmembrado e emaranhado, mas também consideram que existe maior comunicação e satisfação familiar; 5) Quanto à configuração familiar as famílias alargadas são as que apresentam uma perceção mais positiva sobre a comunicação familiar e as famílias reconstruídas consideram que o funcionamento familiar é predominantemente caótico; 6) Os jovens adolescentes apresentam uma perceção de suporte social elevado, sendo que a satisfação com os amigos é a dimensão mais pontuada; 7) Os adolescentes apresentam um autoconceito total e comportamental elevado, enquanto os rapazes apresentam maior ansiedade; e 8) Os alunos do 7º ano em comparação com os dos 8ºano e 9ºano têm melhor autoconceito intelectual e total. Por sua vez, os alunos do 8º ano têm um autoconceito físico mais elevado, comparando com os do 7º ano e 9º ano.

Quanto ao resultado 1, as famílias enquadram-se no Cluster 5. *Caoticamente Desligadas* (*Chaotically Disengaged*) devido às pontuações baixas nas subescalas rígida e emaranhada e, também, nas subescalas equilibradas da coesão e flexibilidade, enquanto na subescala caótica as pontuações são altas. Assim, de acordo com Olson e Gorall (2006), estas famílias revelam problemas ao nível da coesão, provavelmente devido à falta de proximidade emocional. Também considera que esta são famílias potencialmente problemáticas pelo afastamento relacional e excesso de flexibilidade e eventual ausência de padrões e regras familiares. Esta perceção parece justificar também o resultado 2, pois uma vez que percecionam claramente as suas dificuldades, é compreensível que se sintam pouco satisfeitas com a família e percecionem pouca comunicação familiar. Considera-se ainda que estes resultados baixos na comunicação e satisfação possam ser pontuados pelo contacto com desafios sociais e económicos significativos, como por exemplo empregos precários e/ou desemprego e baixo rendimento económico do agregado familiar.

A literatura também documenta que as famílias equilibradas apresentam melhor comunicação e maior satisfação familiar (Olson, 2010), o que não aconteceu com os participantes em estudo. Contudo, os nossos dados apoiam a investigação de Everri e colaboradores (2016), cujo objetivo foi avaliar a perceção do funcionamento familiar em adolescentes italianos, tendo por base o Modelo Circumplexo de Olson. Uma parte dos resultados indicou que os adolescentes apresentaram menores níveis de satisfação familiar. Também os nossos adolescentes percecionam a família como mais coesa e mais emaranhada, estando também mais insatisfeitos com a família e com a comunicação familiar, comparativamente aos pais (resultado 3).

De acordo com a literatura, os pais com baixas habilitações literárias são mais vulneráveis a fatores de stresse, o que pode ter um impacto negativo nas suas práticas educativas como por exemplo a aplicação de estratégias mais punitivas (Custódio & Cruz, 2008). Bem e Wagner (2006) também sublinham que a forma de pensar, bem como a forma de promover o desenvolvimento e a educação das crianças está relacionada com o contexto socioeconómico e cultural no qual as famílias estão inseridas, podendo justificar os nossos resultados (resultado 4).

Os nossos resultados apoiam a literatura, que menciona que nas famílias reconstruídas, a entrada de novos membros na família pode ser vista como ameaçadora da coesão familiar e potenciadora de conflitos (Turunen, 2013). Nas famílias alargadas os indicadores são positivos, podendo ser justificados pela funcionalidade deste tipo de família, claramente com mais recursos quanto ao número de pessoas, sendo que a coabitação, provavelmente, é gerida com flexibilidade, havendo hierarquias bem definidas, bem como a delimitação de papéis e tarefas entre os diferentes elementos da família (Vicente, 2010). Quanto à perceção parental, Cerveira (2015) explorou o funcionamento familiar em diferentes tipologias de famílias, usando a FACES-IV. Um dos resultados mostrou que os pais percecionam a família através de duas perspetivas, ou seja, consideram a existência de um funcionamento familiar equilibrado, mas também desequilibrado em determinados momentos. Os nossos dados assemelham-se de alguma forma aos deste estudo (resultado 5).

O suporte social dos adolescentes é sentido como positivo (resultado 6). A literatura dá relevância ao impacto positivo do suporte social no bem-estar das pessoas, sublinhando ainda que o desenvolvimento de ligações afetivas positivas desencadeia um maior sentimento de autoconfiança, segurança, pertença e sentimentos de utilidade (Vaz Serra, 2005).

Os adolescentes apresentam um autoconceito total e comportamental elevados (resultado 7). Estes dados são concordantes com os encontrados por Veiga (2006) e Neves (2015) também referem que os rapazes apresentam níveis mais elevados de ansiedade. Contudo, a ansiedade, sendo mais elevada nos rapazes do que nas raparigas, é um fator a ter em atenção nesta população, uma vez que, embora existam variações culturais, há uma maior tendência para as raparigas apresentarem níveis mais elevados de ansiedade, comparando com os rapazes (Cunha, 2006).

Há variações em função do ano de escolaridade relativamente ao autoconceito. Nos nossos resultados (resultado 8) vão ao encontro da adaptação portuguesa da PHCSCS-2 que refere que os alunos que frequentam o 7º ano revelam um maior estatuto intelectual e autoconceito total (Veiga, 2006), comparativamente aos alunos do 9º ano. Neste âmbito, Neves (2015) também

referencia que os adolescentes com idades entre os 12 e os 14 anos tendem a perceber um estatuto intelectual superior, em comparação com os adolescentes mais velhos. Henriques (2009) salienta ainda que é comum o autoconceito aumentar entre os 11 e os 14 anos, o que se comprova no nosso estudo.

Conclusões

Na parte final deste trabalho de investigação é necessário tecer algumas considerações no que diz respeito aos resultados obtidos, assim como as suas implicações e limitações, dando sugestões para futuros estudos.

No que diz respeito às implicações para a literatura e para a prática clínica, os resultados deste trabalho mostram que as famílias se percebem na generalidade como sendo vulneráveis, sobretudo com elevada perceção de caoticidade. Porém, considerando que o suporte social e o autoconceito dos jovens são claramente sentidos como positivos, podemos pressupor que a perceção de funcionamento familiar mais disfuncional possa ser sentida sobretudo pelos pais, por questões internas à família, mas, eventualmente, também, pelos desafios externos/contextuais que as famílias podem enfrentar. Recorde-se que estes alunos pertencem a um agrupamento escolar com uma população com dificuldades socioeconómicas, sendo que estes constrangimentos podem amplificar as tensões familiares. Estes resultados têm relevantes implicações para a prática clínica. Considera-se que a escola deve disponibilizar intervenções mais focadas no fortalecimento e amplificação de recursos na família e não apenas nos jovens, individualmente, como acontece atualmente. Considera-se que estas famílias beneficiariam de intervenções mais precoces, pois cada família tem os seus desafios e tem de lidar com as crises que surgem em contexto familiar. Devemos procurar construir conjuntamente os processos de resiliência necessários à superação e à evolução da família e, individualmente, dos seus elementos. Importa ainda atender às especificidades contextuais de cada família e enquadrar os seus desafios, crises e recursos num quadro mais alargado de funcionamento. Assim, com este tipo de intervenção pode contribuir-se de forma significativa para a saúde e bem-estar dos jovens e das famílias.

Além disso, esta investigação vem dar uma resposta mais completa, através da integração de diversas variáveis, aos estudos que analisam a perceção do funcionamento familiar do adolescente e suas famílias, bem como a perceção do suporte social e autoconceito dos adolescentes, contribuindo para o enriquecimento científico e expansão da investigação acerca deste tema.

Relativamente à generalização dos resultados a outros contextos ou populações, importa mencionar que este estudo é transversal, motivo pelo qual não se podem realizar conclusões definitivas, o que dificulta o estabelecimento de relações de causalidade entre as variáveis. Adicionalmente, embora a amostra tenha uma dimensão ajustada, aborda apenas um grupo etário limitado, numa única escola e foi recolhida através da técnica de amostragem não probabilística de conveniência, o que limita também a generalização de resultados.

Como sugestão, considera-se importante incluir nas investigações, amostras de participantes mais representativas e heterogéneas, particularmente, em relação ao ano de escolaridade. Neste âmbito, seria pertinente realizar um estudo de carácter qualitativo, uma vez que as entrevistas possibilitam recolher informação a partir do contexto natural dos entrevistados, procurando interpretar os fenómenos a partir do significado que estes possuem para as pessoas (Denzin & Lincoln, 1994).

Apesar das limitações referidas este estudo apresenta um diagnóstico válido e extenso de um conjunto de aspetos relevantes para o ajustamento e desenvolvimento dos jovens adolescentes da escola em causa, podendo-se a partir desta avaliação equacionar estratégias de intervenção com as populações estudadas – jovens e suas famílias. Escola e famílias devem colaborar para que ambos os sistemas constituam recursos e fatores protetores, que promovem o bem-estar e contribuem positivamente para o autoconceito dos adolescentes e, de modo global, para o seu desenvolvimento integral.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios Familiares – uma visão sistémica* (2ªed.). Coimbra: Quarteto.
- Almeida, I. (2014). *Configuração familiar, percepção de funcionamento familiar e autoconceito adolescente*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, no Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica, apresentada à Escola Superior e Altos Estudos do Instituto Superior Miguel Torga.
- Antunes, C., & Fontaine, A. M. (2005). Percepção de apoio social na adolescência: Análise fatorial confirmatória da escala Social Support Appraisals. *Paidéia*, 15(32), 355-366. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2005000300005>
- Arslan, C. (2009). Anger, Self-esteem, and perceived social support in adolescence. *Social Behaviour and Personality*, 37 (4), 555-564. <https://doi.org/10.2224/sbp.2009.37.4.555>
- Barber, B. K., Olsen, J. E., & Shagle, S. C. (1994). Associations between parental psychological and behavioral control and youth internalized and externalized behaviors. *Child Development*, 65, 1120-1136. <http://dx.doi.org/10.2307/1131309>
- Bem, A., & Wagner, A. (2006). Reflexões Sobre a Construção da Parentalidade e o uso de Estratégias Educativas em Famílias de Baixo Nível Socioeconômico. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 63-71. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722006000100008>.

- Burns, R. (1986). *The self-concept: Theory, measurement, development and behaviour*. New York: Longman Group.
- Camara, M., Bacigalupe, G., & Padilla, P. (2017) The role of social support in adolescents: are you helping me or stressing me out? *International Journal of Adolescence and Youth*, 22:2, 123-136. <http://dx.doi.org/10.1080/02673843.2013.875480>
- Cerveira, C. M. (2015). *Funcionamento das Famílias: Perceção de funcionamento familiar nas diferentes configurações familiares*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, no Ramo de Especialização em Terapias Familiares e Sistémicas, apresentada à Escola Superior e Altos Estudos do Instituto Superior Miguel Torga.
- Cox, M. J., & Paley, B. (1997). Families as systems. *Annu Rev Psychol*, 48, 243-267. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.48.1.243>
- Cunha, M. (2006). Ansiedade e perturbações de ansiedade na infância e adolescência: uma revisão teórica. *Interações*, 10, 70-97.
- Custódio, S. e Cruz, O. (2008). As representações mentais das crianças acerca das figuras parentais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(4), 393-405. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722008000400002>.
- De Vellis, R. F. (1991) Scale Development: Theory and Application. London: Sage.
- Dunbar, M., Ford, G., & Hunt, K. (1996). Why is the receipt of social support associated with increased psychological distress? an examination of three hypotheses. *Psychology & Health*, 13 (3), 527-544. DOI: 10.1080/08870449808407308.
- Everri, M., Mancini, T., & Fruggeri, L., (2016). The Role of Rigidity in Adaptative and Maladaptative Families Assessed by FACES IV: The Points of View of Adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 25, 2987-2997. doi: 10.1007/s10826-016-0460-3
- Faria, L., & Fontaine, A. M. (1990). Avaliação do conceito de si próprio de adolescentes: Adaptação do SDQ I de Marsh à população portuguesa. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 6, 97-105.
- Fomby P., & Sennott, C. A. (2013). Family structure instability and mobility: The consequences for adolescents' problem behavior. *Social Science Research*, 42, 186–201. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ssresearch.2012.08.016>
- Fung, T. Y., & Webster, R. (1994). Perceived Social Support, Social Interest, and Mental Health: Testing a Mediator Model. *The Journal of Individual Psychology*, 74, 157-171.
- Grammer, C., & Cabié, M. C. (1999). Adolescência e crise familiar. Lisboa: Climepsi Editores.
- Henriques, P. (2009). *Imagem corporal, auto-conceito e rendimento escolar nos préadolescentes*. Dissertação de Mestrado em Ativação do Desenvolvimento Psicológico, apresentada à Universidade de Aveiro.
- Kleiman, E. & Riskind, J. (2013). Utilized social support and self-esteem mediate the relationship between perceived social support and suicide ideation: a test of multiple mediator model. *Crisis*, 34 (1), 42-49. <http://dx.doi.org/10.1027/0227-5910/a000159>
- Lee, V., & Williams, M. (1979). *Social relationships: Socialization, the selfconcept and the self-fulfilling prophecy*. Walton Hal: Open University Press.
- McGoldrick, M., & Carter, B. (2001). *As mudanças no ciclo vital da família: uma estrutura para a terapia familiar* (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

- Neves, S. (2015). *Funcionamento familiar e autoconceito do adolescente: Perceção de pais e filhos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, apresentada à Escola Superior de Altos Estudos do Instituto Superior Miguel Torga.
- Nunes, M. (2010). *Autoconceito e Suporte Social em adolescentes em acolhimento institucional*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica, apresentada à Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Olson, D. (2000). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Olson, D. & Gorall, D. (2003). Circumplex model of marital and family systems. *Normal Family Processes*, 3, 514-547.
- Olson, D. & Gorall, D. (2006). FACES IV & the Circumplex Model. Life Innovation, Inc. Retrieved from <http://www.facesiv.com/pdf/3.innovation.pdf>
- Olson, D. (2011). FACES IV and the circumplex model: validation study. *Journal of Marital & Family Therapy*, 3(1), 64-80. DOI: 10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x
- Palmer, E., Welsh, P., & Tiffin, P., (2016). Perceptions of family functioning in adolescents who self-harm. *Journal of Family Therap*, 38, 257–273. DOI: 10.1111/1467-6427.12069
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança* (8ª edição). Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Parker, J. (2000). *Parent structure and support and adolescent problems: delinquency, substance abuse, and peer and self-esteem deficits*. Dissertation in Family and child development, submitted to the Faculty of the Virginia Polytechnic Institute and State University.
- Peixoto, F. (2004). Qualidade das relações familiares, auto-estima, autoconceito e rendimento académico. *Análise Psicológica*, 1 (22), pp. 235-244.
- Pestana, C. (2015). *Perceções de Suporte Social e Envolvimento na Escola: Um estudo com adolescentes de 3º ciclo*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, na área de especialização em Psicologia da Educação, apresentada à Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora.
- Purkey, W., & Harper, K. (1993) *Self-Concept-As-Learner of Middle Level Students, Research in Middle Level Education*, 17(1), 79-89.
- Priosle, A., Cruz, D., & Narciso, I. (2010). Circularidade Relacional: padrões de funcionalidade familiar percebidos e o ajustamento psicológico em adolescentes. *Psychologica*, 52(1), 447-467.
- Ramos-Díaz, E., Rodríguez-Fernández, A., Fernández-Zabala, A., Revuelta, L., & Zuazagoitia, A., (2016). Adolescent Students' Perceived Social Support, Self-Concept and School Engagement. *Revista de Psicodidáctica*, 21(2), 339-356.
- Relvas, A. (1996). *O Ciclo Vital da Família: Perspetiva Sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Relvas, A. (2006). *O Ciclo Vital da família* (4ªed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, J. (2011). *Escala de Satisfação com o Suporte Social*. Lisboa: Placebo Editora.
- Ribeiro, J. (1999). Escala de satisfação com o suporte social (ESSS). *Análise Psicológica*, 3(17), 547-558.

- Sahil, S. (2010). *A structural model of the relationship between teacher, peer, and parental support, behavioral engagement, academic. Efficacy and cognitive engagement of secondary school adolescents*. PhD thesis in Philosophy, University of Malaysia.
- Sequeira, J., Cerveira, C. Silva, M. I., Neves, S., Vicente, H., Espírito-Santo, H. & Guadalupe, S. (em preparação, 2015.). Validation of FACES IV for the portuguese population.
- Siqueira, M (2008). Construção e validação da escala de perceção de suporte social. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 381-388.
- Serra, A. (1988). O auto-conceito. *Análise Psicológica*, VI (2), 101-110.
- Steinberg, L., & Silk, J. (2002). *Parenting Adolescents*. Em M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting: Children and parenting* (pp. 189-225). Lawrence Erlbaum Associates.
- Thompson, R., Flood, M., & Goodvin, R. (2006). *Social Support and Developmental Psychopathology*. In: J. Gross (Ed.), *Developmental Psychopathology* (pp. 1- 37). New York: Wiley.
- Turunen, J. (2013). Family Structure, Gender, and Adolescent Emotional Well-Being. *Journal of Divorce & Remarriage*, 54(6), 476-504. <https://doi.org/10.1080/10502556.2013.810982>
- Valle, J., Bravo, A. & López, M. (2010). Parents and peers as providers of support in adolescent's social network: a developmental perspective. *Journal of Community Psychology*, 38 (1), 16-27. <https://doi.org/10.1002/jcop.20348>
- Vaz Serra, A. (2005). *O stress na vida de todos os dias* (3ªed.) Coimbra: Brochado.
- Veiga, F. H. (1989). Escala de autoconceito: Adaptação portuguesa do “PiersHarris children's Self-concept Scale”. *Psicologia*, 7, 275-284.
- Veiga, F. H., & Ochoa, M. (2001). Auto-estima familiar e social como amortecedores de acontecimentos stressantes. *Revista de Psicologia, Educação e Cultura*, 2, 319-333.
- Veiga, F. (2006). Uma nova versão da escala de autoconceito Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHSCS-2). *Psicologia e Educação*, 1 (1), 39-48. Retrieved from <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4672?mode=full>
- Vicente, H. M. (2010). Família multigeracional e relações intergeracionais: perspectiva sistémica. Dissertação de Doutoramento não publicada, Universidade de Aveiro.